



Porta-voz do Comitê Revolucionário Operário e Juvenil pela Autoorganização (CROJA). Aderente da FLTI Coletivo pela IV Internacional 06 de Julho de 2015

**comitepelarefundacaoiv@yahoo.com.br
comitepelarefundacaoiv.blogspot.com
<https://www.facebook.com/ComitePelaRefundacaoIV>**

Na última Cúpula das Américas Obama colocou sob o seu comando a toda a burguesia da América Latina para fazer negócios no Atlântico e no Pacífico...

Em momentos que a burguesia bolivariana não tem legitimidade para sustentar a sua demagogia antiimperialista perante os novos embates de massas, e sustenta junto com os irmãos Castros a entrega de Cuba a Obama, Coca Cola e Cargill...

Hoje, há uma nova concentração de forças da nova esquerda sob o comando NPA Francês, da Esquerda Unida da Espanha, da LIT e da UIT para refundar o Fórum Social Mundial no Brasil e sustentar a Frente Popular internacional com Syriza e PODEMOS à cabeça.

O Congresso da CSP-Conlutas-ANEL e o Encontro Sindical Internacional:

Um congresso para centralizar as forças dos trabalhadores a nível internacional, para derrotar o ataque dos capitalistas e dos parasitas imperialistas, ou uma fachada sob as bandeiras da luta internacionalista para sustentar pela esquerda a frente popular e o capitalismo em bancarrota?

A nova esquerda da Frente Popular se concentra para impor uma nova frustração ao combate do proletariado latino-americano e mundial

Depois de três anos de seu 1º Congresso, se reuniu o 2º Congresso da CSP-Conlutas na cidade de Sumaré (interior de SP) nos dias 4/5/6/7 de junho. Neste Congresso estiveram presentes 2.639 participantes, destes, 1.702 delegados representando as categorias de professores do Paraná, São Paulo, Pará, e diversas regiões de trabalhadores federais, setores dos petroleiros do Rio de Janeiro e do litoral paulista, metroviários de SP e Rio Grande do Sul, garis do RJ, metalúrgicos de SJC, construção civil de Belém e Fortaleza. Dentro do mesmo congresso participaram diversos coletivos de LGBT's e movimentos da juventude contra opressões. Ao mesmo tempo se realizava, na mesma região (Campinas) onde foi o Congresso da CSP-Conlutas, o congresso da ANEL (Assembleia Nacional dos Estudantes Livres, dirigida pelo PSTU-LIT).

Ambos Congressos foram dirigidos – em primeira instância – pelo 2º Encontro Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas reunido nos dias 8 e 9 de junho em Campinas (interior de SP), encabeçado pelos dirigentes do Solidaires (NPA) francês, CGT espanhola (Esquerda Unida), junto a representantes sindicais de 23 países (Argentina, Canadá, Chile, Colômbia, Egito, Espanha, EUA, França, Haiti, Inglaterra, Itália, México, Palestina, Paquistão, Paraguai, Peru, Portugal, Saara Ocidental, Síria, Tunísia, Turquia e Venezuela) que reuniram arredor



2º Congresso da Conlutas

de 200 participantes.

Ali estavam a esquerda do social-imperialismo europeu, sustentadores da Syriza na Grécia e do PODEMOS na Espanha, e todas as alas pró-socialdemocratas da esquerda da Frente Popular como são os representantes da FIT da Argentina representada em todas as correntes da esquerda latino-americana com o PSTU/LIT, PSOL/UIT e o PCB como anfitriões e encarregados para dar a abertura do congresso CSP-Conlutas saudando as delegações internacionais que participaram do Encontro.

Este Encontro Sindical foi direção política do congresso da CSP-Conlutas, e votou as verdadeiras resoluções que aplicarão, não somente no Brasil, mas em todos os países em que estes “representantes” intervêm.

Ou seja, os operários honestos que vem de enfrentar à burocracia da CUT, da FS, etc. e que foram buscar uma alternativa para lutar, como os operários do COMPERJ, os Garis do RJ, os professores do Paraná, os metroviários de SP e do Rio Grande do Sul, metalúrgicos de SJC etc., não tiveram voz, não puderam unificar sua luta com seus irmãos de classe do continente e do resto do mundo, pois, embora tenham colocado sua luta como exemplo, uma vez que finalizou o Congresso todos voltaram para seu respectivos países e os delegados do Congresso da CSP-Conlutas voltaram para seus respectivos estados para continuar isolados uns dos outros e novamente sofrer categoria por categoria os ataques.



2º Encontro Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas

O Encontro Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas

Um organismo que em nome do internacionalismo e do anticapitalismo, não organiza nenhum combate comum por cima das fronteiras...

Organizado conjuntamente por la CSP-Conlutas (Brasil), Solidaires (França) e a CGT (Espanha), com uma delegação de 184 ativistas de 24 países, este Encontro aprovou uma declaração para *“chamar uma semana de ação internacional de 9 a 25 de outubro contra os planos de austeridade na defesa dos direitos trabalhistas ao afirmar que os trabalhadores não devem pagar a crise. E que cada organização decidirá sobre as ações a tomar em cada país”*. Enquanto isso, apenas declarações, resoluções e notas de repúdio frente aos ataques que já estão em andamento em todos e em cada país representado neste encontro.

Se de um lado essa delegação reconhece o ataque como generalizado e como um meio de fazer com que os trabalhadores paguem pela crise dos capitalistas, de outro não define claramente um plano imediato de ação para barrar o ataque, nem mesmo nos sindicatos que dirigem ou influenciam, como nos enormes sindicatos metalúrgicos e das automotrizas, como o IG Metall (sindicato alemão que organiza mais de 2 milhões de trabalhadores), ou a própria CSP-Conlutas que dirige aproximadamente 2 milhões de trabalhadores, sendo 45 mil metalúrgicos só em São José dos Campos e Região, sobre os quais já passam ataques enormes da patronal, mas mesmo assim não se votou nenhuma resolução para lutar de maneira conjunta contra as transnacionais imperialistas que nos atacam.

Que anticapitalismo é esse que sequer chama a derrotar o ataque das transnacionais imperialistas com a unificação internacional dos trabalhadores metalúrgicos? Que anticapitalismo é esse que não determina a luta antiimperialista contra as montadoras imperialistas com uma luta encabeçada pelos trabalhadores alemães, franceses e estadunidenses sob o grito de *“O inimigo está em casa!”*? Que anticapitalismo é esse que onde dirige rege a divisão das fileiras operárias, inclusive nas categorias representadas pela mesma central? Que anticapitalismo é esse que acorda na mesa de negociação com a patronal o arrocho salarial, a demissão, e a entrega de nossas conquistas históricas?

Já sabemos de que *“anticapitalismo”* e *“internacionalismo”* se tratam, haja vista que em 2012, os mesmos sindicatos que recém participaram deste Encontro, se reuniram com dezenas de sindicatos metalúrgicos em Munique (Alemanha). **O que significou esse encontro?** A centralização internacional para aplicar os planos de flexibilização trabalhista, ao conjunto dos operários das montadoras imperialistas, seguindo o exemplo da burocracia sindical da WAV norte-americana (com foram os acordos assinados pela direção da CSP-Conlutas) e da IG Metall com seu *“plano alemão”* (como são os planos que defendem as burocracias pelegas como a CUT, CTB, etc.).

O Resultado: dezenas de operários da Suzuki na Índia presos e condenados à morte por lutar contra a escravidão trabalhista, e por fazer justiça com as próprias mãos contra os patrões escravistas na cidade de Coimbatore; operários das montadoras da Turquia

superexplorados num regime trabalhista que impõe que 19 operários produzam 60 carros por dia; os operários da Peugeot e da Renault na França, que haviam protagonizado as ocupações de fábrica com os patrões de reféns, foram demitidos em massa com as transnacionais repassando grande parte de sua produção para o Leste europeu, como na Romênia, com operários produzindo como escravos, posto que o NPA francês e todos os social imperialistas europeus, se negaram a levantar o grito dos operários da Renault da Romênia de: *Igual trabalho, igual salário, na Romênia e na França!*; enquanto os metalúrgicos da África do Sul representados pelo NUMSA, foram impedidos de unificar seus combates com os mineiros de Marikana, e hoje o que prima é uma ofensiva contrarrevolucionária das transnacionais imperialistas na África do Sul, representada no CNA e assentada na burocracia do COSATU, fato que o NUMSA hoje silencia; na General Motors de São José dos Campos – Brasil, desde janeiro de 2013, rege o acordo assinado pela própria Conlutas e fechado em um abraço fraterno entre Macapá e o burguês Luiz Moan, esse acordo se generalizou pela Argentina e é sustentado pelos delegados que a FIT tem nas montadoras instaladas neste país como a IVECO, GM, Scania, VW, etc., e defendido pela burocracia pelega do SMATA e da UOM.

Quer dizer, o que se centralizou foi a imposição generalizada no ramo automotriz em todo o planeta da flexibilização, arrocho salarial e demissões em massa, ou seja, uma verdadeira escala móvel de salários e horas de trabalho ao contrário. Esse foi o resultado de sua política nas indústrias onde dirigem e controlam. E hoje voltam a se centralizar para aprofundar essa mesma política de colaboração de classe e sustentar o capitalismo, como se demonstra na situação dos trabalhadores das montadoras que dirigem.

Por tudo isso definimos que esse Encontro não reuniu mais que ala sindical do Fórum Social Mundial, em momentos em que todo o castrismo, o chavismo e o bolivarianismo (os fundadores do FSM) se desmascaram como sustentadores e defensores dos interesses imperialistas, e que ficam desprestigiados perante as massas, como o chavismo na Venezuela, como CNA na África do Sul, como o castrismo que acaba de restaurar o capitalismo em Cuba, ou como o PT no Brasil. Estes que já não podem falar mais às massas, em nome de seus interesses, para desviá-las dos combates e estrangular suas revoluções, como fizeram durante todo o último período, apelam às organizações da *“Nova Esquerda”*, que não são mais que os continuadores dessa política, que sempre acompanharam e sustentaram pela esquerda o FSM, e hoje ocupam o papel que os fundadores do FSM já não podem mais cumprir.

Essa é a *“Nova Esquerda”* que se coloca como *“alternativa”* para a luta das massas, para no final das contas sempre jogá-las na toca do lobo, submetendo-a ao parlamento burguês com sua política de exigência, para conter os combates revolucionários das massas e submetê-las aos seus carrascos. Os maiores exemplos são o Syriza da Grécia, e o PODEMOS da Espanha, que neste Encontro Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas, estavam, como já dissemos, seus defensores e apoiadores diretos (CGT espanhola e Solidaires francês, e PSOL brasileiro), e suas alas *“críticas”*, mas conselheiras (LIT-PSTU, UIT e seus satélites).

À CSP-Conlutas restam duas alternativas, ou ser uma organização das massas, para definir um plano de luta conjunto e o atrelamento das lutas internacionalmente, ou se atrelar com a nova burguesia cubana aos pés da burguesia imperialista com o pacto Obama-Castro.

As grandes forças dos professores, estudantes, dos operários do COMPERJ, metalúrgicos, metrorviários etc., reunidas no congresso da CSP-Conlutas e da ANEL precisam romper com as definições superestruturais do Encontro Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas, que impedem a unificação pela base entre esses movimentos por cima das fronteiras.

Como pode ser que se reúnam delegações de 24 países e não se vote um plano de luta internacional dos explorados, quando é o próprio ataque do capital financeiro que os une em suas demandas e em seu combate por trabalho e vida digna?

A verdade é que enquanto o proletariado latino-americano sai em duras lutas contra as transnacionais imperialistas, como **no Chile** por educação, trabalho e salário digno com os mineiros, professores e estudantes à cabeça; como **no Peru** onde se impôs o estado de sítio com mais de 100 camponeses e operários presos, com os professores da região de Apurímac e Ayacucho desenvolvendo paralizações e marchas por melhores salários, educação gratuita e de qualidade; como **na Colômbia** com os petroleiros e os professores lutando, apesar e contra a burocracia, contra as petroleiras imperialistas e o regime infame das 7 bases militares ianques em duros combates; como **na Venezuela** com a vanguarda sofrendo com a repressão e encarceramento pelas forças repressivas do bolivariano Maduro por lutar por trabalho digno, contra a inflação e o desabastecimento, como os operários siderúrgicos da SIDOR; como **no Brasil** também saqueado pelas transnacionais imperialistas, em que os professores acabam de sofrer um duro golpe depois de 86 dias de greve em São Paulo e não conseguirem nenhuma das suas reivindicações, ou os operários das montadoras imperialistas que sofrem demissões e arrocho salarial, que por não ter se generalizado o combate da Volks - que garantiu a reintegração dos 800 demitidos com a unificação nas ruas -, abriu caminho a um ataque sobre todas as montadoras, inclusive na própria Volks, e se espalhando a todas as montadoras do MERCOSUL. Enquanto no campo e nos morros e favelas militarizadas os explorados morrem todos os dias nas mãos dos pistoleiros fascistas e da polícia assassina; como **na Argentina**, onde os trabalhadores da Direção Geral da Arquitetura da Província de Córdoba lutam contra as demissões e por melhores condições de trabalho desconhecendo os estatutos da burocracia sindical e colocando em pé assembleias com democracia operária, ou os trabalhadores azeiteiros que rompem o teto salarial imposto por Kirchner-Kacillof-Calo por terem sido rodeados de solidariedade e terem coordenado as lutas e demandas por 15 mil pesos de salário mínimo. **Sem falar** no combate da juventude e da classe operária negra massacrada pela polícia racista assassina nos EUA e seu combate junto aos explorados latinos nos *fast-foods* por US\$ 15 por hora de salário, que é a demanda dos explorados de todo o continente e que nos une dos EUA à Terra do Fogo!

Fora o silêncio dessas direções sobre os milhares de presos políticos que apodrecem nos cárceres imperialistas e dos regimes comandados por Obama, como Mumia Abu-Jamal, os lutadores antiimperialistas presos em Guantánamo, os petroleiros de Las Heras, os mais de 7000 presos palestinos nas masmorras do sionismo, a juventude grega como Nikos Romanos e um longo etc.



Castro e Obama



Colômbia: Mobilização dos professores



Baltimore: Grito da Juventude Negra nos EUA



Grécia: Presos políticos: Gerasimos Tsakalos e Panagiotis Argirou; Nikos Romanos e Savas Xiros

As direções participantes do Encontro Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas não moveram um dedo sequer para unificar essas lutas contra Obama e Wall Street, ou mesmo lutar pela liberdade dos presos políticos. De que internacionalismo falam essas direções?

Na verdade, estas direções são a “Nova Esquerda” de Obama, todos centralizados e formados na Havana capitalista da nova burguesia dos Castro e que hoje falando em nome do trotskismo e da Quarta Internacional camuflam seu programa stalinista de socialismo em um só país e de revolução por etapas, para hoje falar que o socialismo não serve nem sequer em Cuba.

Para que a CSP-Conlutas e todas as 24 delegações presentes nesse Congresso se tornem um verdadeiro organismo de luta, independente e da classe operária, é preciso lutar pra tirar de nossas organizações a burocracia sindical, responsável pelo atrelamento à burguesia.

É preciso lutar para tirar as mãos do Estado burguês de nossas organizações de luta, essa é a única maneira de garantir uma unificação real, em cada combate. Como poderemos lutar com essas direções que se negam unificar, inclusive, os setores presentes nesse congresso com um plano de reivindicações e de luta comum?

Os trabalhadores precisam tomar a solução da crise em suas mãos e conquistar um Congresso Nacional de Base de todas as centrais sindicais e que eleja delegados com mandato de base para organizar e garantir a GREVE GERAL, UNIFICANDO SEU COMBATE POR CIMA DAS FRONTEIRAS NACIONAIS! BASTA DE DIVISÃO DAS FILEIRAS OPERÁRIAS! UMA SÓ CLASSE, UMASÓLUTA!

É preciso refundar o movimento operário de baixo para cima! Fora a burocracia sindical! Fora as mãos do Estado de nossas organizações de luta! Eles não nos representam!

É preciso retomar o caminho iniciado em 2013, dessa vez para triunfar, para que sejam os capitalistas os que paguem pela crise!

Abaixo os acordos assinados pela direção da CSP-Conlutas com a GM, e todos os acordos assinados pela burocracia sindical de entrega de nosso salário, nosso trabalho e nossa dignidade nas mesas de negociação com os exploradores!

Por um sindicato metal-mecânico único de todo o cone sul!

Expropriação sem pagamento e sob o controle operário de todas as transnacionais imperialistas e de todas as fábricas que fechem, suspendam ou demitam trabalhadores!

Renacionalização sem indenização e sob o controle dos trabalhadores da Petrobras, da Vale, da Embraer, da Sabesp e de todas as privatizadas!

Renacionalização sem indenização e sob o controle dos trabalhadores de todos os recursos naturais, para colocá-los em prol dos interesses dos trabalhadores e explorados do Brasil, para que nunca mais falte água e nenhum recurso básico!

Expropriação sem pagamento e sob o controle operário e dos camponeses pobres de todas as transnacionais do agronegócio, para ter terra para o camponês pobre e alimento para todos os



1980: Comitês Operários. Trabalhadores pedem pela liberdade de seus dirigentes

explorados!

Expropriação sem pagamento e sob o controle operário de todos os bancos! Por uma banca estatal única para dar créditos baratos para os camponeses pobres e os pequenos comerciantes arruinados!

Expropriação sem pagamento e sob o controle dos trabalhadores de todas as universidades e clínicas privadas, para ter educação e saúde gratuitas e de qualidade para todos os trabalhadores e explorados do país!

Plano de obras públicas para ter moradia digna para todos os explorados do país! Não ao pagamento da dívida externa!

Escala móvel de salário e horas de trabalho para conquistar trabalho para todos, e acabar com o flagelo do desemprego!

É preciso conquistar comitês de autodefesa organizados por fábrica, estabelecimento e bairros, e centralizados a nível regional e nacional para enfrentar a repressão do governo, que não vacila em reprimir violentamente!

Liberdade imediata a todos os presos políticos e desprocessamento de todos os lutadores operários e populares!

Fora o FSM das fileiras operárias! Basta de defender o capitalismo usurpando as bandeiras do socialismo!

Para que a classe operária e os explorados vivam o imperialismo deve morrer!

Chamamos enfaticamente a todos os jovens e trabalhadores combativos, em primeira instância os trabalhadores demitidos e sobre ataque e à juventude negra massacrada pela polícia assassina, a pôr em pé o partido revolucionário internacionalista que merecemos e precisamos para triunfar. O partido trotskista sob as bandeiras e o legado da IV internacional para lutar com um só punho desde Alaska até a Terra do Fogo, para esmagar os capitalistas e conquistar a revolução socialista internacional.

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES!

CROJA

Aderente do Coletivo pela Refundação da IV Internacional - FLTI.